

Aoi Berriel Pereira e Helen Dias Tavares de Lima

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Grupo de Trabalho 18: O ensino da diferença na sociologia – Como pensar gênero e outras categorias de articulação em sala de aula?

Corpos que chegam antes: o lugar dos corpos queer na docência

Belém, Pará

2021

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho visa investigar o olhar sobre a diferença em sala de aula, com o objetivo focal de resgatar as experiências queer no local de ensino-aprendizagem. Partimos da memória e das expectativas de pessoas queer, dos futuros docentes, entrevistados a partir do critério seletivo de graduandos do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS-UFRJ). A presença queer em sala de aula marca indagações à própria relação estudante-professor-conteúdo, que mobilizam a constituição do currículo. Uma vez que não está pautado na universalização e padronização do conhecimento, o currículo é moldado pela diferença em sala de aula e as experiências de vida em *uma grande conversa* (PINAR, 2003, 2004, 2006). Ao reconhecer a participação das pessoas queer na relação de ensino-aprendizagem e ao localizá-las em sala de aula, a entrevista realizada, busca captar o olhar da experiência queer na escola enquanto ex-estudantes, ao mesmo tempo que as expectativas futuras desses mesmos corpos que voltaram ao espaço escolar como futuros docentes. Buscamos com isso avançar em investigações guiadas pelo entrelaçamento de afetos e teoria que nos levam a explorar e se aprofundar na relação de gênero, queer, diferença, subjetividade e da sala de aula.

Nesse sentido, as reflexões das Teorias Pós-Críticas da área que nos aprofundamos, propõem o questionamento radical do porquê alguns conhecimentos são válidos em detrimento de outros e quais interesses políticos-ideológicos interferem nessas escolhas. Superando a análise feita pela Teoria Crítica do Currículo, localizando o marcador “classe” como protagonista das principais questões na escola, quais categorias além desta, classe, seriam relevantes para compreender como é vivido o cotidiano escolar? Nos apropriamos da pedagogia queer como proposta de indagar padrões socialmente construídos no desenvolvimento crítico no campo de gênero e sexualidade, acoplado a uma *reviravolta epistemológica* (SILVA, 2005), conceito que nos localiza tanto do campo da educação, como também da produção de conhecimento em geral sobre gênero e, principalmente, sobre corpos considerados abjetos (MISKOLCI, 2016).

A presente pesquisa pretende provocar o pensamento sobre quais lugares que os corpos *queer* ocupam em sala de aula. Em pesquisa rápida feita no google com as tags “ensino” “gênero”, localizamos em entrevista a fala de docentes que atuam no Brasil e relatam sua experiência e expectativa sobre seus estudantes na atuação docente. Observem:

“[...] Eu acho que a família, por exemplo, pode deixar o menino mais afemi... Assim, mais afeminado e a menina mais masculinizada. Eu acho que a família sim, mas a escola eu acredito que não. A escola tenta às vezes reverter o quadro, mas eu acho que é a família. (MAIA, NAVARRO, MAIA, p-9, 20011)”

“[...] A menina, ela é mais sensível, ela é mais educada. Os meninos já têm os modos mais grosseiros e a gente tem que aceitar isso, porque já é próprio da pessoa, do menino mesmo, do homem. (MAIA, NAVARRO, MAIA, p-7, 20011)

Podemos perceber nas falas docentes uma experiência em sala de aula que traz ao currículo um papel de regulação de gênero. (BUTLER, 2015) Na qual desfere certas atividades específicas aos estudantes ao exercer uma produção de parâmetros de pessoas e manutenção do seu comportamento de acordo com normas de gênero. Com isso, percebemos que os corpos *queer* que diferem dessas regulações pautadas naquilo que se espera de um corpo masculino ou feminino, criam uma ampliação da relação de gênero ao emergem experiências transgêneras não-binárias no currículo.

A interrogação das implicações *queer* na sala de aula constituem nossa pesquisa ao mesmo tempo que fazem parte de nossa subjetividade. Partimos do cruzamento entre teoria-empíria-análise de forma entrelaçada considerando as contribuições teóricas de PIERRE (2018). Com isso, fizemos a escolha metodológica de relacionar teoria e vivência ao identificar a importância do reconhecimento *queer* no currículo em propagações ontológicas da visibilidade das pessoas que pesquisamos, ao mesmo tempo que influenciados pela nossa formação em ciências sociais.

Nesta análise, é importante ressaltar que para o percurso metodológico desta pesquisa sobre o tema de gênero e sexualidade, precisamos acionar uma rede de contatos que já faziam parte de nossas vidas. O sociólogo Bourdieu denomina essa questão metodológica como *objetivação participante* (BOURDIEU, 1989), quando pesquisadores se tornam seu próprio objeto de estudo, ou seja, nós enquanto corpos abjetos e destoantes da lógica cis

heteronormativa, somos sujeitos deste campo. Optamos por refletir sobre nossas subjetividades e o quanto elas conformam nossas entradas e nos permitiram acionar uma rede queer através do estudo de trajetórias (BOURDIEU, 2006) e valendo-se da técnica da bola de neve (ALBUQUERQUE, 2009), onde identificamos sujeitos queer para a pesquisa e exploramos ao máximo as conexões entre eles para dar conta do referencial para pesquisa. Na qual uma pessoa representa um ponto em rede que nos leva aos seus contatos para selecionar o que precisamos em análise nos alavancando ao tema. A partir disso, mapeando suas conexões e explorando-as ao máximo.

Para isto, convidamos três estudantes queer da UFRJ presentes no nosso cotidiano estudantil pensando na exploração de rede de pessoas queer em um desenvolvimento em *bola de neve* (ALBUQUERQUE, 2009). Somos duas amigas que se conheceram na formação docente na graduação de ciências sociais na UFRJ: uma mulher lésbica e uma pessoa transgênera não-binária. A pesquisa começou com debates em sala de aula com a professora Adriana Delgado em experiência de monitoria em que juntas geramos o interesse de aprofundamentos nas questões queer que nos cercam. Sendo assim, buscamos o desenvolvimento dessa pesquisa que resgatou três pessoas queer do nosso campus em análise. O primeiro é licenciado do curso de História, o segundo, licenciando do curso de Ciências Sociais e o terceiro licenciando do curso de Filosofia dando conta de uma vivência de cada curso do campus do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS). Esta conexão permite-nos ouvir e uma real aproximação da trajetória de corpos queer, estes que passaram pela educação básica e que no momento da pesquisa estão em formação para retornar ao espaço escolar na perspectiva docente, assim reconhecemos a captação da experiência aluno e professor queer, uma vez que todos são estudantes de licenciatura visando à formação docente.

Entrevistas:

Foram entrevistadas 3 pessoas que se compreendem como queer e assim produzidos relatórios para análise:

- **Marx Freitas:**

Entrevista com Marx Freitas

Mora em Praça Seca, Jacarepaguá.

Idade: 22 anos.

Cursa Ciências Sociais, 5º período.

Data da entrevista: 09/10/2019

Entrevistadores: Aoi Berriel e Helen Lima

Local da entrevista: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (UFRJ)

> Não escolheu a licenciatura, queria Ciências Sociais, mas pretendia trabalhar então optou pela licenciatura que era a noite. Descobriu a licenciatura depois, mas hoje quer trabalhar como professor. Gosta da escola, gosta de estar no estágio, de dar aula. Gosta muito do universo da escola, de estudar a escola.

> Já atuou como bolsista PIBID e agora está no estágio.

>Na escola:

Eu era um aluno tímido. “No ensino fundamental eu me sentia muito destoante até que comecei a fazer amizade com as meninas da sala. Eu me sentia muito desconfortável em algumas situações como mostrar meu corpo, toques no meu corpo, contato físico. Eu via que os meninos faziam muito, mas eu me sentia muito desconfortável. Normalmente eu me sentia melhor com as meninas”.

> Referência

Professora de inglês que debatia questões sobre eles que não eram bem aceitas na sociedade. Questões como gênero, sexualidade, racismo, classe social. “Nessa época eu já sabia que eu não era heterossexual. Eu já não queria me vestir da maneira que me pressionavam para vestir, me comportar [...] mas eu era obrigado”.

> Na escola

“Eu me lembro que eu sempre me sentia melhor com as meninas, mas não eram todas as meninas também. Eu andava com um grupo de meninas em que só eu era homem e depois, lá para o EM a gente foi descobrindo que todo mundo desse grupo era gay, sapatão, bissexual. Sempre existiu um comportamento da nossa parte muito destoante do restante da turma e a gente era muito excluído da turma. Nós éramos muito discriminados na turma, as ofensas geralmente tinham a ver com nosso corpo, nosso cabelo, com uma suposta promiscuidade nossa. Eu odiava usar o vestiário, nunca ia na educação física. Sempre era um momento em que éramos muitos “zoados”. Eu esperava todos os meninos irem embora do vestiário para usar. Percebi que outras experiências de homens gays eram parecidas”.

>Refúgio que te legitimava

Na internet. “Lá eu usava o nome Marxynnie (sic. lá eu tinha um tratamento diferente, pois todos que me adicionavam já me tratavam diferente, não era uma questão como fora”.

>Mudança entre o ensino médio e a faculdade

“Antes eu me identificava como homem gay. Para mim isso era uma designação que eu tinha. Era isso, no ensino médio eu tinha uma relação com o meu corpo, uma péssima autoestima. No ensino médio eu já tive umas posturas mais fortes de questionar o porquê de atribuições. Depois disso, com o contato com as teorias de gênero, eu comecei a me ver junto com um amigo que, como a gente, não era aquela definição de homem gay que era no ensino médio. Eu não me identifico como um gênero homem ou como um gênero mulher. Eu não faço mais parte de alguma coisa. Eu não sou homem ou mulher. Daí foi que passei a conhecer o queer, mesmo não comum no Brasil. Comecei a entender que era o queer, essa identidade que vai encontro. E não só vai de encontro, ela é o desvio sem a vergonha. Em que tem a relação de adotar quem você é e defender quem você é. E pontuar, porque o gênero é uma coisa que é sempre questionado e pontuado. Pois quando chegamos com uma roupa diferente, por exemplo, a gente é sempre questionado e olhado”.

>Impacto de ser você na sua prática docente

“Acredito que vai ter uma parte de mim. Quando eu penso no tipo de professor que vou ser, penso em referências de professores que não são héteros. Qual referência eu podia buscar? Também me penso como referência, fazendo a prática docente com a unha pintada eu me pergunto como vai ser a reação da sala à essa estética. E depois percebo que existem estudantes transgêneros e alguns meninos que pintam as unhas. Eu acabo sendo isso, mostrando que cheguei ali e estou indo adiante. Acredito que é dessa forma que eu vou marcar”.

>Universidade como espaço de liberdade

“Sim, esse foi um espaço em que eu pude vestir o que quisesse. Em que fui apoiado e que não era uma questão eu ser eu mesmo. Era muito natural, isso é muito bom pra auto estima em te estimular a ser você mesmo”.

- **Eduardo**

Entrevista com Eduarno, Eduardo Arno, às vezes junto.

Mora em Curicica- Jacarepaguá

Idade: 21 anos.

Data da entrevista: 09/10/2019

Entrevistadores: Aoi e Helen

Cursa Filosofia ABI, 1º período

Local da entrevista: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (UFRJ)

>Licenciatura foi uma escolha?

“É uma opção que eu tive que escolher... Por não ter uma outra coisa pra se fazer assim. Eu acho que seria muito mais difícil eu conseguir alguma coisa em bacharel, fora de licenciatura. Eu ainda penso em fazer bacharelado e um mestrado”.

>Experiência como docente

Eu fico pensando muito como eu sairia, como eu me vestiria. Minha mãe coloca muito essa questão quando eu saí de casa hoje. “Pô, quero ver como você vai trabalhar.” E eu penso nisso, como seria...

>Relacionamento com a escola

“Eu comecei a me vestir do jeito que eu gostava mesmo um pouco tarde. Eu já estava no segundo ano, até então eu era meio que aceitável. Daí eu fui usando um casaco que não ficava claro o gênero da roupa, foi complicando a situação pela questão das outras pessoas. Eu tentava não ligar pra isso, mas meus amigos tentavam comprar briga. Os adolescentes eram meios chatos, eles gostavam de observar algumas coisas. Acho que é normal da idade. Eu não me sentia uma ovelha negra, porque todo mundo tinha alguma coisa. Não importa como você é, se você passar no corredor as pessoas vão falar de você e mal.

>Perspectiva de maior liberdade

“Sim, eu estou me sentindo muito livre assim. Que eu posso gritar, pular, sei lá. Isso faz sentido pra mim agora, é isso que importa”.

>Expectativa docente

Vou pegar a referência de um professor de filosofia que eu não gostava, mas que mesmo assim me vejo nele. Ele ficava gritando, explicando mimicamente as coisas. Era muito interessante a forma que ele dava aula, ele mudava de tom a cada frase que fazia. Acredito que eu seria assim, tentando teatrar o máximo possível. Eu não tenho uma experiência com isso, mas acredito que eu seria alguém muito dinâmico.

- **Cake**

Entrevista com Cake

Data da entrevista: 09/10/2019

Entrevistadores: Aoi e Helen

Cursa História, 7º período

Mora do Bairro da Saúde

Data de Nascimento: 29/11/1998

>Escolha pela licenciatura

A vontade de participar desse processo de ensino aprendizagem como professor veio de uma professora de história que eu tive na oitava série. Eu via como ela performava na sala de aula e como eu me via naquilo. Eu queria ser uma agente da construção de aprendizado. A licenciatura foi o amadurecimento desse desejo.

>Licenciatura foi a primeira opção de Cake.

>Trajetória acadêmica

“Ainda falta inclusão para corpos como o meu. Estamos construindo nossa agenda de luta, mas ainda falta muita coisa, a universidade não está preparada para nós. Estamos lutando para que essa luta seja incorporada na nossa formação aqui, pelo menos no curso de história. Eu sinto mais uma iniciativa de se falar sobre corpos queer na educação quanto na história. Apesar de eu sentir que esse espaço, o IFCS, a UFRJ é um espaço onde eu não preciso ficar o tempo todo alerta, eu sinto que meu corpo tem uma assertividade aqui, mas acho que poderia ser mais incorporado de um ponto de vista acadêmico”.

>Experiência enquanto docente

“Professore de libra há aproximadamente um ano na Fiocruz. Percebo meu corpo impactando as normativas, a falta de conhecimento das pessoas a minha volta sobre como lidar, esse acúmulo que eu carrego, esse espectro ainda está muito presente. Hoje eu encaro de outra forma, encaro meu corpo. Mas de fato os espaços de educação ainda se apresentam de maneira pouco receptivas quanto ao meu corpo. Qualquer corpo que tem alguma diferença tem que se esforçar muito, eu tenho que me esforçar muito para não criar muitas questões, tensões. Às vezes eu me sinto dentro de um casulo na tentativa de me proteger, de sobreviver. Eu sou professor, estou estudando para ser professor, a escola é o lugar onde eu vou ganhar meu pão, às vezes o casulo é necessário para a nossa sobrevivência. Enfrentar sempre que for possível, mas sempre em mente que eu preciso sobreviver”.

>Experiência na escola

“A minha identidade queer veio só quando eu já estava na universidade. Já tinha alguns traços, já era bissexual, pensava nisso de maneira mais distante. Era custoso pensar nisso na época da escola. Meu

contexto na época não me dava espaço para eu ter a construção da identidade que eu tenho hoje. Estive em contato com outras pessoas que tinham essa construção mais consolidada que me ajudaram muito”.

> Na graduação

“A universidade me trouxe uma autonomia, independência para entender que eu estou no mundo com um corpo que é lido de uma maneira. A graduação foi um tempo para eu entender melhor esse meu corpo, essas discriminações, mas de compreender também que eu não sou fraca, que eu sou potente, que eu posso me expressar como eu me expesso hoje. Foi durante a graduação que eu consolidei o esqueleto de quem eu sou hoje”.

>Acolhimento

“Na escola era tudo velado, quem não era hétero não assumia que era LGBT ainda mais na minha escola onde o preconceito era muito forte. Eu ainda vinha de um contexto religioso que deixou tudo pior, eu pensava de maneira muito marginalizada sobre mim mesmo. Quando eu entrei na universidade eu me resignifiquei enquanto humano. Conhecer outros colegas de classe, pude ver que isso não é uma questão para outras pessoas como eu. Isso não era mais um problema. Trânsito pela UFRJ e me sinto minimamente protegido. Fui me construindo e me sentindo à vontade nesse espaço”.

> Contribuições para a docência

“A escola me negligenciou muito. Poderia ter tido um professor ou professora, uma diretora, alguém poderia intervir por mim quando sofri aquilo tudo na escola. Alguém poderia ter me salvado em algumas situações de invisibilidade. Eles não viam isso como uma questão necessária. Deixavam para lá. Algumas escolas se vangloriam por não terem índices de homofobia, mas a gente sabe que na verdade as pessoas não têm coragem de denunciar o que elas sofrem. Às vezes elas sequer percebem as violências que sofrem. Então eu penso que eu enquanto professor quero estar ali para amenizar a dor dessas pessoas que estão sendo construídas pela dor da diferença, da transfobia, da homofobia. Em todas as fobias em relação a gênero e sexualidade. Eu vejo meu papel de professor como alguém que vai lutar, que vai disputar esses corpos na sala de aula, eles têm que ficar na sala de aula. Esses corpos precisam ser protegidos da violência física, verbal, da exclusão desses corpos da escola”.

>Recepção na escola:

“Eu tenho medo da escola, tenho medo dos outros professores, tenho medo da direção, mas eu sei que esse meu medo vai existir em qualquer lugar. Qualquer trabalho vai pôr no centro a minha vulnerabilidade, então eu prefiro disputar essa escola”.

DESENVOLVIMENTO (APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO, RESULTADOS E REFLEXÃO)

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, utilizou o método de estudo das trajetórias, pretendendo focar no processo de escuta das narrativas de nossos interlocutores através de entrevistas semiestruturadas. Em primeiro momento nos dedicamos à leitura dialogada sobre o que tem se produzido neste campo de estudos, seguido do mapeamento dos possíveis agentes e interlocutores no campo da formação de professores, as licenciaturas, em interface com suas performatividades. Estruturamos um roteiro para as entrevistas e sua análise se deu através da estratégia teórico-metodológica e também conceitual de *trajetória* que o sociólogo Pierre Bourdieu fez uso em contraponto com a ideia de história de vida.

“[...] Ela conduz à noção de *trajetória* como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. Os sentidos dos movimentos que conduzem de uma posição a outra (de um posto profissional a outro, de uma editora a outra, de uma diocese a outra etc.) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no movimento considerado, dessas posições num espaço orientado. O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo ao qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.” (BOURDIEU, 2006)

A partir desta noção Bourdiana da trajetória, buscamos através dos relatos compreender e correlacionar as biografias e as coletividades, os acontecimentos, as angústias, as glórias [...] dos interlocutores em interface com a vasta bibliografia sobre a teoria queer. O processo de escuta desses agentes se deu na tentativa de não os engessar nas quase inevitáveis formas de

categorização estruturalistas, mas trazer a possibilidade de mobilidade, de ser muitos e múltiplos, de serem agentes de suas próprias histórias e trajetórias.

Como primeiro marco teórico, o sociólogo Richard Miskolci nos orienta acerca das origens históricas da teoria queer, a fim de fundamentar e demarcar as razões pelas quais a problemática queer não é apenas ou exatamente a da homossexualidade, a partir da ideia de abjeção (MISKOLCI, 2016)

“A abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade. [...] O novo movimento queer voltava a sua crítica a emergente heteronormatividade, dentro da qual até gays e lésbicas normalizados são aceitos, enquanto a linha vermelha da rejeição social é pressionada contra outr@s, aquelas e aqueles considerados anormais ou estranhos por deslocarem o gênero ou não enquadrarem suas vidas amorosas e sexuais no modelo heteroreprodutivo [...]”

O ponto que Miskolci evoca sobre a localização da abjeção dos corpos é o encontro com a ideia que trazemos no título de nossa pesquisa, no sentido de perceber aqueles corpos que não conseguem passar “despercebidos” pela cis heteronormatividade. Se na escola, uma professora lésbica que performa algum tipo de normatividade feminina, não expor sua vida sexual e amorosa, é possível que ela estabeleça relações estáveis em seu ambiente de trabalho quanto a sua orientação sexual. A principal questão que levantamos, respaldada por Miskolci, é se o mesmo acontece à uma professora lésbica que performa determinada masculinidade. Este segundo corpo parece “chegar antes” de qualquer explicação, ele se anuncia em estado de repugnância uma vez que abala consideravelmente a hegemonia normativa presente nas escolas brasileiras.

O segundo principal conceito se articula com a fala de Cake, a ser mostrada logo a seguir, *ume*¹ estudante de História que reflete a ideia de *reviravolta epistemológica* (SILVA,

¹*ume*: variação linguística para a substituição do “a” ou “o” para “e” a fim de neutralizar o direcionamento de gênero feminino ou masculino a pessoa referenciada. Essa flexão da língua portuguesa é utilizada pelo meio político queer e escolheu-se nesta pesquisa a replicação para seu devido respeito.

2005). Neste contexto, o binarismo em seu ideal ocidental de gênero opera e se propõe além dos limites de associação sexo-gênero que se limita a reprodução da subjetividade da masculinidade ou feminilidade, ao ser uma pessoa que transborda as noções do campo da sexualidade e gênero que naturalizam ser homem ou mulher. Essa experiência queer mostra que as experiências de gênero encontradas na atualidade fazem parte de uma epistemologia que categoriza o mundo em infinitas dicotomias. Estas, presentes na sociedade e nas relações interpessoais em interatividade também estão presentes em sala de aula na constituição do currículo. A relação de ensino-aprendizagem neste currículo é marcada pelas subjetividades queer que marcam a importância de entendimentos para além das performatividades de gênero (BUTLER, 2013) respaldadas no binário masculino-feminino.

“Apesar de eu sentir que esse espaço, o IFCS, a UFRJ, é um espaço onde eu não preciso ficar o tempo todo alerta, eu sinto que meu corpo tem uma assertividade aqui, mas acho que poderia ser mais incorporado de um ponto de vista acadêmico.” (Cake, estudante de história)

A fala de Cake explicita a ânsia por esta *reviravolta epistemológica* que propõem uma produção de conhecimento para além do binarismo. A estudante afirma que o espaço que lhe oferece a formação docente garante minimamente uma segurança que outros espaços como a escola não lhe garantiram. Todavia, há uma urgência relatada do debate sobre essa corporeidade ser apropriada pela academia. Essa apropriação pode acontecer tanto no momento do reconhecimento dessas formas de identidade para além da tolerância, bem como a presença desta temática na sala de aula.

A partir da experiência narrada do corpo queer na escola, foi possível notar que há uma forte presença da insegurança e do medo, uma vez que essa identidade se configura em um contexto associativo de marginalização e de direcionamento à vulnerabilidade. Atente-se:

“Eu fico pensando muito como eu sairia, como eu me vestiria. Minha mãe coloca muito essa questão como quando eu saí de casa hoje. ‘Pô, quero ver como você vai trabalhar.’ E eu penso nisso, como seria...” (Eduarno)

Quando Eduarno, professor de Filosofia em formação, é questionado sobre a (possível) aceitação de suas roupas na escola, agora como docente, surge então a insegurança e o medo de apenas ser quem ele é. Se este espaço escolar, como Eduarno mencionou durante sua

entrevista, foi um espaço marcado pela negligência e exclusão por conta de sua performatividade, como será então este espaço agora como ambiente de trabalho? A insegurança ao ser estigmatizado mostra-se presente. Pode parecer ansiedade, mas convidamos ao exercício de memória: “quantos professores transgêneros você teve? Quantos você conheceu? E quantos nós tivemos habilitados, formados e empregados na educação básica? Quantas professoras lésbicas que se sentiam confortáveis e seguras para afirmar sua orientação sexual nós tivemos nesse espaço? Quantas professoras lésbicas masculinas não tiveram sua privacidade respeitada neste espaço? Quantos professores queer e/ou não binários nós tivemos? A instituição escolar acolhe esses *corpos em desvio* da cis-normatividade como docentes? Essas perguntas evocam o lugar que a pedagogia queer ocupa no currículo em diálogo com a preocupação do entrevistado. Não somente o de desmonopolizar o domínio masculino e hétero na diversidade de gênero e sexualidade que discrimina e segrega corpos visados, assim como os corpos queer ressaltados, mas também de garantir a apropriação de espaço e sobrevivência no âmbito escolar daqueles que não cabem na heteronormatividade.

“A escola me negligenciou muito. Poderia ter tido um professor ou professora, uma diretora, alguém poderia intervir por mim quando sofri aquilo tudo na escola. Alguém poderia ter me salvado em algumas situações de invisibilidade. [...] Eu vejo meu papel de professora como alguém que vai lutar, que vai disputar esses corpos na sala de aula, eles tem que ficar na sala de aula. Esses corpos precisam ser protegidos da violência física, verbal, da exclusão desses corpos da escola.” (Cake)

Há uma desigualdade geral no que tange a presença de pessoas queer em diversos espaços de trabalho, esta não é uma especificidade da escola, sabemos bem. No entanto, nos interessa aqui elucidar essas ausências e negligências para pensar formas de insurgir (LOURO, 2007), formas de manter essas pessoas na escola e possibilitar que esses docentes em formação possam disputar esse currículo normativo, assim como a estudante Cake propõe. O ponto levantado é sobre manutenção, permanência, inclusão, entre outros direcionamentos que podem ser pesquisados a partir do material aqui apresentado. Ao considerar DERRIDA (2010) a análise, escolhida aqui, interroga “sem confiança nem preconceito a própria história da questão da sua autoridade filosófica.” (DERRIDA, *força da lei*. PP- 13, 2010) na qual possibilita abertura para a percepção de construções que vazam a visão heteronormativa. Uma vez que se está presente, perceptível nas entrevistas aqui apresentadas, os questionamentos de diversas pesquisas que se aprofundam nas questões queer são potencializadoras de uma construção que

atravessa o preconceito e hegemonia para a direção de uma estrutura mais humana em sala de aula. Necessidade que transpassa na fala de Marx:

“Quando eu penso no tipo de professor que vou ser penso em referências de professores que não são héteros. Qual referência eu podia buscar. Também me penso como referência, fazendo a prática docente, com a unha pintada, eu me pergunto como vai ser a reação da sala à essa estética. E depois percebo que existem estudantes transgêneros e alguns meninos que pintam as unhas. Eu acabo sendo isso, mostrando que cheguei ali e estou indo adiante. Acredito que é dessa forma que eu vou marcar.” (Marx)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa partiu de questionamentos sobre gênero no ensino das ciências sociais da graduação (IFCS-UFRJ) e no interesse subjetivo no aprofundamento do currículo em protagonismo de pessoas queer. Buscamos captar uma representação na formação docente do campus de filosofia, história e ciências sociais a partir da entrevista de pessoas queer em relação com suas memórias e expectativas do seu corpo na sala de aula. Partimos do reconhecimento em análise ao investigar a relação entre pessoas queer, gênero e sala de aula e identificar falas docentes que direcionam a visão, a regulação de gênero como manutenção da normatividade do corpo sobre o currículo. Ao perceber a localidade e a importância da diferença, as experiências queer provocam uma ampliação do currículo que difere do controle da vida de pessoas que transbordam as noções de expectativas cisgêneras sobre masculinidade e feminilidade. Percebemos, a partir de Louro (2003, p. 81), que:

“a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz com a formação do currículo, a escolha dos conteúdos e materiais a serem trabalhados, o estabelecimento de relações interpessoais entre os membros da escola e os métodos utilizados no ensino, a escola atua em seu papel de instituidora de identidades, ditando não apenas comportamentos, concepções e atitudes a seus alunos, mas também classificando e punindo aqueles desviantes do que é considerado normal (LOURO, 2003; MEYER, 2003).”

Assim como em análise (MAIA, 2017):

“Britzman (1996), Louro (2003), Mott (1997) e Silva (2004) denunciam que a escola, especialmente pela pessoa do professor, vigia constantemente a orientação sexual de seu alunado com a intenção de reforçar o comportamento heterossexual. Há ainda quem argumente

que esta preocupação é mais severa em relação aos meninos que, além de preferirem a companhia das meninas, se ocupam de atividades consideradas femininas. A preocupação em garantir a masculinidade infantil é baseada numa suposição de que esse vigiar pode preservar a masculinidade heterossexual adulta (FELIPE e GUIZZO, 2004). ” (PP4)

A escola que tem a atuação docente preocupada na regularização dos gêneros seguindo expectativas cisgêneras são violentas às pessoas queer em uma ação que normatiza e coloniza a diferença. O lugar da memória das pessoas aqui pesquisadas, mostram uma relação abjeta na construção do currículo na escola. As relações que constituem a sala de aula demandam junto aos corpos queer uma ampliação das noções de gênero que transpassam a associação feminino-masculino e sexo-gênero.

Atente-se, como resultado deste trabalho, consideramos caminhar junto com a ideia de “(micro) políticas queer” que PocaHY evoca através de uma via(da)gem epistemológica (POCAHY, 2016) e uma prática política pós-moderna que promove ousadias metodológicas, que significaria “resistência e produção de modos outros de vida-conhecimento”. É nesse reconhecimento e insurgência queer que conduzimos esta pesquisa a partir de uma perspectiva fugaz e vadia, desejando evocar a subversão e insubmissão à opressão. Desta forma, temos aqui o resgate queer sob o vislumbre de experiências transgressoras da normativa de gênero binário masculino-feminino, de pessoas queer sobre o olhar gênero que antende a demanda de expansão das noções de sexo-gênero.

Como em citação:

“Ele só funciona quando assume que seu destino é não ter mais um rosto - é quando se propõe ao abandono de sua morada teórico-metodológica, (re)fazendo suas estratégias, táticas, usos. Sua contingência é recuar de pronto logo ali onde poderia flertar com o desejo de moldar a vontade política d_s outr_s. Queer como prática política efêmera, insurgente, fugaz, fugidia, vadia. Seu único des(a)tino talvez seja ocupar-se em de(s)viar-se – devir(ar-se). Queer como heterotopia, queer espaço-prática-outra.”

Ao ser provocados por essa pesquisa, seguimos em pesquisa procurando a subversão de normas sob a regulação de gênero que aprisionam na limitação de corpos a expectativas de sexo-gênero e masculinino-feminino. Tais como as de: hétero, magro, capacitista, branco e colonizadoras, todas estas dais quais diferem das normas e sobrevivem à violência em ações reguladoras que negam lugar a diferença.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de. Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). Usos & abusos da história oral. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma Sociologia reflexiva. O poder simbólico, Memória e Sociedade, p. 17-58. 1989.

BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. Educação & Realidade. Rio Grande do Sul, Cidade, vol. 21, n. 1, pp. 71-96. 1996.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. Cadernos Pagu, n° 42, Campinas Jan./June 2014.

DERRIDA, Jacques. Força de lei. 2ª edição. São Paulo; Biblioteca do Pensamento Moderno. 2010)

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. (Org.). Corpo, gênero e sexualidade. Porto Alegre: Mediação, 2008.

LOURO, Guaciara L. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; NAVARRO, Carolina; MAIA, Ari Fernando. Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. Psicol. educ., São Paulo, n. 32, p. 25-46, jun. 2011.

MOTT, L. Identidade (homo) sexual e a educação dos diferenciados. Dois Pontos: teoria e prática em educação. Belo Horizonte, vol. 4, n. 31, pp. 53-54. 1997.

PIERRE, E .A. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à “pós-investigação”. Traduzido por: RANNIERY, T; MACEDO, E. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 1044-1064, 2018.

PINAR, W. (Ed.). Curriculum theorizing: the reconceptualists. Berkeley: McCutchan, 1975.

PINAR, W. What is a curriculum theory? Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2004.

PINAR, W. A bridge between Chinese and North American curriculum studies. Transnational Curriculum Inquiry, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1- 12, 2005.

SILVA, R. A. S. “O ponto fora da curva”. In: Meyer, D.; Soares, R. F. R. (orgs.). Corpo, gênero e sexualidade. Porto Alegre, Mediação, pp. 85-94. 2004

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.